

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

**Repressão nas universidades latino-americanas:
A atuação dos professores perseguidos na UFMG (1964-1974) e
na UTE (1973-1981)**

LUAN AIUÁ VASCONCELOS FERNANDES*

* O autor é mestrando pela Universidade Federal de Minas Gerais(UFMG) sob orientação do professor Dr. Rodrigo Patto Sá Motta.

1 – Apresentação

A proposta deste trabalho se insere em um contexto mais amplo de estudo e compreensão dos regimes políticos autoritários na América Latina durante a segunda metade do século XX. A partir desta grande temática, pretende-se analisar e interpretar, por meio de um viés comparativo, a atuação e repressão sofrida pelos professores universitários perseguidos nos regimes militares do Brasil e do Chile, mais especificamente através do estudo de dois casos: a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), entre 1964 e 1974, e a Universidad Técnica del Estado (UTE), atual Universidad de Santiago de Chile (USACH), entre 1973 e 1981.

2 – As universidades e a escolha dos professores como objetos.

Os regimes autoritários deflagrados nas décadas de 1960 e 1970 na América Latina possuem inúmeros pontos em comum, mas também diferenças marcantes que particularizam as experiências vividas em cada país¹. Estudar estes regimes em uma ótica comparativa, percebendo as semelhanças e distinções em cada país, enriquece a compreensão sobre os mesmos, pois o olhar atento ao ‘outro’ ajuda a resolver questões sobre nós mesmos que não são percebidas quando trabalhadas em visões limitadas pelas fronteiras nacionais.

¹ Um relevante trabalho sobre vários países da América Latina sob a ótica das ditaduras militares é: FICO, Carlos; FERREIRA, Marieta de Moraes; ARAUJO, Maria Paula; QUADRAT, Samantha Viz (orgs.). *Ditadura e democracia na América Latina, balanço histórico e perspectivas*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

A escolha das universidades como tema se deu por sua importância nos acontecimentos em ambos os países. Tanto no Brasil quanto no Chile, amplas reformas universitárias estavam sendo discutidas, principalmente durante a década de 1960, com o objetivo de modernizá-las. A UFMG e a UTE foram escolhidas para pesquisa por serem universidades tradicionais e por participarem de maneira profunda nestas transformações. O recorte temporal estabelecido se dá para ambos os países com o início do Golpe, no Brasil em 1964 e no Chile em 1973. No caso do Brasil o recorte se fecha em 1974, por ser o fim do governo Médici, em que grande parte das ameaças de esquerda já estava eliminada e os professores já tinham sido expurgados em sua maioria, muitos deles indo para o exílio. No caso do Chile, o recorte tem como término o ano de 1981, quando foi efetivada uma ampla reforma por parte do governo de Pinochet, que eliminou a ação direta do Estado na educação, instalando uma política extremamente neoliberal, impondo diversas mudanças, como a diversificação e expansão do sistema universitário, um sistema de empréstimo aos estudantes para pagarem as universidades, entre outras. Os professores cassados e expulsos das universidades foram escolhidos para serem estudados de maneira específica por serem atores importantes no meio acadêmico, por terem uma influência forte sobre os estudantes e por existirem poucos trabalhos, principalmente comparativos, que privilegiam a análise deste momento sobre os docentes. Desta maneira, pretende-se com este estudo dar uma contribuição para os estudos da área.

3 – O golpe no Brasil e suas conseqüências para o meio universitário

Em 1964 ocorreu o Golpe Militar no Brasil, encabeçado pelos militares e por alguns setores conservadores da sociedade civil, que se utilizaram do medo de uma ameaça comunista, que deveria ser combatida nos preceitos da Doutrina de Segurança Nacional, e de insatisfações com a condução da economia e a crise por qual o país passava que ameaçava “a própria sobrevivência do capitalismo.”(O’DONNELL, 1987: 5).

No Brasil, as universidades eram um dos principais focos de atenção e vigilância do regime por possuírem muitos dos considerados "inimigos do regime" ou "subversivos". Como evidencia Motta:

No clima de radicalização precedente ao golpe, as Universidades se tornaram centros importantes da mobilização de esquerdista, com a realização de seminários,

eventos culturais e políticos e manifestações as mais diversas, e os estudantes tornaram-se forte grupo de pressão no cenário público. Para além do fato das Universidades reunirem inimigos do novo regime 'credenciando-se', portanto, como alvos privilegiados das primeiras operações de expurgo, elas ocupavam lugar estratégico na formação das elites intelectuais e políticas do país, e, secundariamente, dos dirigentes econômicos. (MOTTA, 2012: 12)

A preocupação maior era com o movimento estudantil, que atuava com greves, protestos e manifestações que reuniam um grande número de pessoas, além de se inspirarem no exemplo da Revolução Cubana.² O ambiente universitário se tornava ideal para o surgimento e cooptação para grupos de resistência armada ou pacífica. Em meio a todo este amplo contexto de manifestações, conflitos nas universidades em todo o Brasil, a UFMG teve um papel relevante e foi uma das universidades mais visadas pelo aparato repressivo por possuir um significativo número de intelectuais e estudantes mineiros que atuavam em organizações de esquerda, como a Ação Popular, conhecida como AP, e o Colina.

Muitos professores também possuíam ligações com a esquerda e “no seu eixo conservador, a política do regime militar para as Universidades implicou o combate e a censura às idéias de esquerda e tudo o mais considerado perigoso e desviante.”(MOTTA, 2008: 32). Por outro lado, muitos que não eram ligados a nenhum movimento de esquerda e não eram considerados comunistas também foram perseguidos, muitas vezes por defenderem a ordem democrática e a liberdade de expressão, sendo taxados como colaboradores de grupos "subversivos".

Logo após o Golpe já ocorreram intervenções e perseguições no meio acadêmico. As situações eram várias: iam desde uma lista de comunistas que deveriam ser procurados e presos, feita por integrantes de grupos conservadores³ - às vezes da própria universidade - passando pela proibição de certos paraninfos, como ocorreu no caso do impedimento de Carlos Heitor Cony, chamado para ser paraninfo de uma turma de formandos em jornalismo, justamente por ser considerado inimigo do regime, até casos mais sérios e de intervenções mais diretas como as que ocorreram em junho de 1964 na FAFI⁴ e em julho do mesmo ano na

² Sobre o impacto da Revolução Cubana no país, ver: SADER, Emir. *Cuba no Brasil. Influências da revolução cubana na esquerda brasileira*. In: REIS FILHO, Daniel et. all. *História do Marxismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. ROLLEMBERG, Denise. *O apoio de Cuba à luta armada no Brasil*. Rio de Janeiro, Mauad, 2001. SALES, Jean Rodrigues. *O impacto da revolução cubana sobre as organizações comunistas brasileiras (1959-1974)*. Tese de doutorado. Campinas/SP: IFCH/UNICAMP, 2005.

³ Para saber mais sobre os grupos de esquerda e de direita no contexto do Golpe de 64 ver: STARLING, Heloísa Maria Murgel. *Os senhores das gerais: os novos inconfidentes e o golpe de 64*. Petrópolis: Vozes, 1986.

⁴ Antiga Faculdade de Filosofia, hoje atual FAFICH, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

reitoria. Em relação a FAFI a intervenção durou 5 dias, enquanto a da reitoria, que afastou o reitor Aluísio Pimenta, durou 48 horas. No caso da primeira, estudantes foram punidos, investigações foram feitas, e, além disso, o interventor tentou afastar dos cargos alguns professores, como José Israel Vargas, não conseguindo obter muitos resultados. A intervenção feita na reitoria também foi frustrada. O reitor e o meio acadêmico se mobilizaram para que a intervenção acabasse o mais rápido possível contando com ajuda de políticos e até de jornais de direita, que achavam as intervenções nas Universidades um excesso. Havia muitas vezes um despreparo das forças repressivas em identificar quem eram as verdadeiras "ameaças", como mostra o próprio professor e ex-reitor cassado, Aluísio Pimenta:

Comecei nesse período a receber, dos serviços de informação então existentes, uma avalanche de fichas em que estavam anotadas as ações, atitudes e iniciativas de professores, alunos e funcionários da Universidade, consideradas subversivas. Desejavam que eu, apoiado nelas, abrisse inquéritos ou realizasse sindicâncias. Nunca vi tanta desinformação junta, tanta inutilidade catalogada. Acusavam, por exemplo, a um professor de Física de ter comparecido, em uma determinada ocasião, ao Aeroporto da Pampulha para receber uma comissão da Euraton. Ora, a Euraton era considerada por muitos pesquisadores e professores como uma organização comprometida com o "capitalismo internacional" e outras avaliações do mesmo teor. Outros eram acusados de terem participado de um churrasco oferecido a Jorge Amado etc. (PIMENTA, 1985: 36)

No mesmo ano, logo após o golpe, vários professores da UMG foram presos, como Simon Schwartzman, Marcos Rubinger, Sylvio de Vasconcellos, Henrique de Lima Vaz, Celson Diniz, entre outros. Inquéritos foram abertos e comissões de sindicâncias foram requisitadas aos reitores das universidades em todo o Brasil.

Em 13 de dezembro de 1968 ocorreu o que foi chamado por vários historiadores de o golpe dentro do golpe. O AI-5 foi uma resposta do governo às agitações sociais e às ações armadas da esquerda revolucionária que cresciam cada vez mais desde 1966. No âmbito universitário ele serviu para cassar vários professores, seja por serem de esquerda, seja por tentarem defender a liberdade de expressão, como é o caso do professor Pedro Parafita de Bessa, na época diretor da FAFI. O referido professor foi acusado no inquérito de não cumprir a fiscalização do D.A, de não mandar retirar os cartazes de apoio às greves da faculdade e de ser cúmplice das ações "subversivas" dos estudantes.

O ambiente universitário ficou mais tenso com o ato do executivo que colocava em prática o Decreto Lei nº 477 em fevereiro de 1969, que estabelecia punições para todos os membros da universidade, podendo afastar professores por cinco anos e alunos por três anos. Apesar de ter sido pouco aplicado, “ele tornou-se símbolos de terror nas Universidades, uma ameaça pendendo sobre quem ousasse cometer atos de indisciplina.”(MOTTA, 2012: 183). Já em 1971 é instituída a Assessoria Especial de Segurança e Informações (AESI), órgão que atuava na escolha e filtragem de professores, evitando a contratação dos que eram considerados de esquerda, no controle de manifestações, na aplicação de punições mais intensas como o 477, entre outras funções que seguiam um caráter conservador e de repressão.

4 – Os momentos iniciais da repressão contra a UTE no Chile

Quase dez anos após o Brasil ser submetido a um golpe de Estado, o Chile sofre o mesmo revés. O país foi abalado por um violento golpe militar em 11 de setembro de 1973, eliminando o governo socialista de Salvador Allende que - eleito democraticamente em 1970 - tentava efetuar profundas reformas de cunho social no país⁵. As repressões foram extremas e efetivas, com uma ofensiva inicial que tentou eliminar grande parte daqueles que apoiavam o presidente em vários setores da sociedade, gerando uma violência política sem precedentes na história recente do país.⁶

As universidades não escaparam, sendo que no dia 29 de setembro de 1973, “todas as universidades, mesmo as dirigidas por homens do Partido Nacional ou da Democracia Cristã, são reorganizadas e controladas por militares.”(SADER, 1982: 118). As universidades chilenas nos anos anteriores ao golpe vinham assumindo uma polarização política cada vez mais forte, principalmente devido a reforma universitária que havia começado no governo de Eduardo Frei da Democracia Cristã, gerando inúmeros conflitos e indicando que:

⁵ Há três livros que trabalham bem o assunto. Um sobre a história do Chile, de maneira mais geral e conservadora é o de BETHELL, Leslie. *Chile since independence*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. O outro é especificamente sobre o governo de Salvador Allende: VALENZUELA, Arturo. *El quiebre de la democracia en Chile*. Santiago de Chile: FLACSO, 1978.

⁶ Para se ter uma noção da violência inicial um importante trabalho é o de VERDUGO, Patrícia. *A caravana da morte*. Rio de Janeiro: Revan, 2001.

ao contrário do que haviam ocorrido nos anos 60, tais conflitos não se pautavam por questões especificamente acadêmicas. Eram, na verdade, embates de origem e natureza política que ali se expressavam, dividindo drasticamente estudantes e professores em torno das questões gerais da política nacional. (AGGIO, 1993: 125)

O engajamento político nas universidades era forte, inclusive entre os professores. Era bastante difícil se manter fora do debate com tantas transformações ocorrendo em todo país, inclusive nas próprias universidades. No caso da UTE, a questão era ainda mais delicada, pois a Universidade Técnica do Estado começou a se transformar em uma das universidades com maior participação popular, produzindo transformações únicas na história do Chile.

Segundo o ex-reitor da UTE, Enrique Kirberg Baltiansky, várias novas carreiras foram criadas, houve um amplo incentivo ao aperfeiçoamento dos professores, um convênio foi firmado com a CUT, em 1969, com o objetivo de aumentar o número de trabalhadores e filhos de trabalhadores na UTE, além de outros convênios firmados com cerca de 50 empresas para que os seus operários tivessem a chance de se formarem em carreiras técnicas. As provas de ingresso foram eliminadas e substituídas por outra abordagem que desse chances aos menos favorecidos. De acordo com Baltiansky:

En forma definitiva, la UTE montó y puso en marcha 37 institutos tecnológicos en los mismos sitios de trabajo no sólo en Santiago sino que también en numerosos puntos a lo largo del país. Junto con los institutos tecnológicos que funcionaban en las 24 ciudades ya indicadas en el capítulo anterior, se formaba una densa red con el objeto de captar a los obreros, mineros o campesinos que estuviesen en condiciones y deseos de estudiar.⁷(KIRBERG, 1981: 38)

Em meio a tantas reformas profundas, logicamente a UTE tornou-se um dos principais alvos do regime militar. Em seus relatos sobre os momentos iniciais do golpe, o ex-reitor Enrique Kirberg relata que no dia 11 de setembro muitos professores, funcionários e estudantes foram impedidos de voltar para casa devido ao toque de recolher imposto pelos militares e a suspensão dos serviços de transporte público, permanecendo na universidade. Durante a madrugada a UTE foi invadida com tiros e lançamento de granadas e seus

⁷ KIRBERG, Enrique. *Los nuevos profesionales : educación universitaria de trabajadores, Chile : U.T.E., 1968-1973. Parte 2.* México: Universidad de Guadalajara, 1981, p. 38. Disponível em: <http://ebookbrowse.com/nuevos-profesionales-parte-2-2002-rtf-d133688338>. Acesso em: setembro de 2012.

ocupantes, por volta de setecentas pessoas, foram feitos prisioneiros e levados para o Estádio Chile, onde muitos foram torturados e tratados com violência, como o presidente da Federação de Estudantes da Universidade Técnica, Osiel Núñez. Também no Estádio Chile foi torturado e morto o cantor e compositor de música folclórica, Víctor Jarra, que pertencia a Secretaria de Extensão e Comunicações da UTE. Quatro dias mais tarde, Enrique Kirberg foi enviado ao campo de concentração⁸ da ilha Dawson, ao sul do Estreito de Magalhães, permanecendo na ilha por nove meses, tendo passado posteriormente pelos campos de concentração de Puchuncaví, Ritoque, pela penitenciária de Santiago e pelo campo de concentração de Tres Alamos. Depois de dois anos preso foi liberado com a condição de sair do país. Foi viver nos Estados Unidos, onde havia conseguido um emprego na Universidade de Columbia de Nova York. A sua destituição como reitor foi arbitrária e sem nenhuma compensação.

Outros professores e funcionários foram detidos pouco tempo depois, como o secretário geral da UTE, Ricardo Núñez, o diretor de Planificação, Felipe Richardson e o diretor do Departamento de Matemáticas, Antonio Clemente. O ex-reitor começou a escrever suas memórias somente no exílio, através do contato com outros exilados e por documentos que ele conseguiu reunir. O atual decano da *Facultad de Humanidades* da USACH, Augusto Samaniego Mesías, também foi um dos que foram levados para o Estádio Chile e posteriormente partiu para o exílio. Prática que também foi comum no caso brasileiro.

Por se tratar de um estudo comparativo, o intuito do projeto é traçar determinados paralelos em relação à perseguição sofrida pelos professores na UFMG e na UTE durante o período inicial dos regimes militares em seus respectivos países, tentando compreender quais atuações deles levaram a essa desconfiança e repressão por parte dos militares, e como esta repressão se dava nos dois países. Apesar de parecer óbvio em alguns casos ligados a ideologias políticas, em outros este pressuposto de "subversão" não se faz presente. Por meio desta comparação será possível analisar de maneira mais profunda os conceitos de subversão construídos pelos militares de ambos os países, além de entender a cultura acadêmica existente no Brasil e no Chile, que, segundo Brunner, não pode ser genérica, pois possui especificidades em cada país e em cada momento histórico. Deste modo, outra análise feita neste projeto será a de tentar entrelaçar as culturas acadêmicas das duas universidades, de

⁸ *Campo de concentração* é o termo utilizado pelo ex-reitor em seu livro.

modo a perceber, não somente os que a diferenciam e aproximam, mas também as mudanças que elas sofreram no período inicial dos regimes militares.

Ao se confrontar com uma política autoritária dos governos militares, estes professores acabam por expressar uma identidade coletiva, fornecendo leituras comuns do passado e “inspiração para projetos políticos direcionados ao futuro.”(BRUNNER, 1987: 1). Além disso, através do discurso, do argumentário, do gestual é possível perceber as raízes e filiações dos indivíduos, no caso os professores, e “restituí-las à coerência de seus comportamentos graças à descoberta da suas motivações,”(BERSTEIN, 1998: 362) tentando estabelecer uma lógica a partir de “parâmetros solidários” que vão além do determinismo de ser simplesmente racional. Outro interesse se dá quando se passa do individual para o coletivo da cultura política e, deste modo, é possível “compreender a coesão de grupos organizados à volta de uma cultura.”(BERSTEIN, 1998: 362) Partindo destes princípios, talvez seja possível achar alguns desses parâmetros solidários e de identificação, ou oposição, em torno de uma cultura política entre os professores.

5 – Aporte teórico-metodológico

O trabalho em questão, que está em fase desenvolvimento, se apóia em três pilares básicos no que se refere às questões teórico-metodológicas: história comparada ou história conectada; história oral; e história dos intelectuais.

A abordagem de história comparada é extremamente estimulante, pois confere um leque mais amplo de perspectivas ao historiador. É necessário, no entanto, alguns cuidados para que não se caia na armadilha de um olhar etnocêntrico que insinue superioridades em relação aos objetos comparados. Outro perigo que deve ser evitado é o da “simples justaposição de relatos descritivos”, não culminando no objetivo proposto, pois isto levaria a uma mera ‘classificação’ de países, “mostrando apenas sociedades com um certo número de variáveis não integradas em uma moldura analítica.”(PRADO, 2005:23). Maria Lígia Coelho Prado concorda com a tentativa de se evitar a justaposição e as classificações, e alerta para o perigo das generalizações, prática excessivamente utilizada nas décadas de 1960 e 1970, como é o

caso dos trabalhos dedicados a explicar as teorias de dependência ou as tentativas de se estabelecer um padrão para os regimes autoritários através de uma postura "economicista", como nos trabalhos de Guillermo O'Donnell.

Outra contribuição a ser acrescentada à perspectiva da história comparada é o da história conectada⁹, que objetiva o aparecimento de pontos de contatos reais entre as duas culturas, e não apenas formais. A história conectada busca fugir de uma perspectiva dualista que sempre remete comparações como “o ocidente e os outros, os espanhóis e os índios, os vencedores e os vencidos, em suma, as análises sistematicamente concebidas em termos de alteridade” (PRADO, 2005:23). As histórias conectadas permitem uma melhor percepção por serem multifacetadas e ligadas entre si, e podem, segundo Prado, ser uma contribuição que enriqueça a história comparada.

Outra metodologia que será amplamente utilizada será a da história oral. Por ser um trabalho conectado fortemente com o tempo presente, que aborda uma época em que os personagens que dela participaram estão, em grande parte, vivos, entrevistas serão amplamente utilizadas, tanto as já existentes¹⁰, como as que ainda serão feitas com professores.

O principal suporte da metodologia da história oral se baseia na memória e em sua “construção sobre o passado, atualizada e renovada no tempo presente.” (DELGADO, 2006: 9). Lucília Delgado expõem que a história oral, mais do que um procedimento metodológico, é uma construção de fontes que se move em um terreno interdisciplinar, podendo se utilizar de vários meios, como “música, literatura, fontes iconográficas, documentação escrita”, com o objetivo de estimular a memória, e que poderão ser utilizados nas entrevistas para este projeto. (DELGADO, 2006: 16) A história oral também irá estabelecer alguns desafios, entre eles o fato de que durante uma entrevista, escuta-se a “fala do jovem do passado, pela voz do adulto, ou do ancião do tempo presente.” (DELGADO, 2006: 18). Esta fala traz memórias de experiências e também lembranças a ele repassadas, mas que não deixam de ser filtradas ao disseminá-las. “Enfim, registram-se sentimentos, testemunhos, visões, interpretações em uma

⁹ Sobre história conectada ver: SUBRAHMANYAM. Sanjay. “Connected Histories: Notes Towards a Reconfiguration of Early Modern Eurasia”, LIEBERMAN, Victor (ed.). *Beyond Binary Histories. Re-imagining Eurasia to C. 1830*. Ann Arbor, The University of Michigan Press, 1997, p. 289-315. Um interessante trabalho comparando duas universidades na América Latina é: TAMAYO, Víctor Muñoz. *Generaciones: juventud universitarias e izquierdas políticas em Chile Y México*. Santiago: LOM Ediciones, 2011

¹⁰ As entrevistas feitas com professores da UFMG encontram-se no Núcleo de História Oral da UFMG (NHO/UFMG).

narrativa entrecortada pelas emoções do ontem, renovadas ou ressignificadas pelas emoções do hoje.” (DELGADO, 2006: 18).

Para nortear as entrevistas que serão realizadas com os professores cassados na UTE, e também para compreender as entrevistas já realizadas com os professores da UFMG, é necessário ter em mente que a memória¹¹ constrói identidades e solidifica consciências individuais e coletivas. Mais do que isso, ela se torna um elemento constitutivo do auto-reconhecimento como pessoa e/ou como membro de uma comunidade. Ela também é inseparável da vivência da temporalidade, do passar do tempo e do entrecruzamento de tempos múltiplos. E por fim, ela atualiza o tempo passado, tornando-o tempo vivo e pleno de significados no presente.

O último pilar do trabalho se refere à chamada história dos intelectuais. Obviamente não há espaço para conceituar e definir todas as características que envolvem o conceito de intelectual. Trabalha-se aqui com o significado de intelectual mais próximo da definição de Edward Said, que não reduz os intelectuais somente àqueles de reconhecimento mundial, mas considera intelectuais aqueles indivíduos que possuem um papel público na sociedade e uma “vocação para representar, dar corpo e articular uma mensagem, um ponto de vista, uma atitude, filosofia ou opinião para (e também por) um público.”(SAID, 2005: 25). Acrescente-se a isso a percepção de que os intelectuais estão intrinsecamente ligados a história das ideias políticas, assim como a história da cultura política, como mostra Sirinelli, o que contribui para os objetos estudados neste projeto.

Um importante tema a ser abordado na pesquisa, e que se relaciona com a história dos intelectuais, é o exílio¹², que, como explicitado por Said, pode ser real ou metafísico. O exílio gera no exilado outra percepção de seu país e de sua própria condição, podendo muitas vezes ser frutífero, mas também causando traumas insuperáveis em algumas condições. O exílio metafísico ocorre quando o intelectual, mesmo sem sair de seu país, é excluído ou exclui-se do meio em que normalmente ele se insere, parando de publicar ou de ter uma atuação pública.

¹¹ Dois importantes trabalhos sobre memória são: POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, 1989, vol. 2, n. 3; HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

¹² Importantes livros que tratam da questão do exílio são: RODRIGUES, Helenice; KOHLER, Heliane (orgs.). *Travessias e cruzamentos culturais: a mobilidade em questão*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008. ROLLEMBERG, Denise. *Exílio: entre raízes e radares*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

Não são todos os professores que se encaixarão na definição de intelectuais, tanto no Brasil como no Chile, mas esta própria questão pode ajudar a criar uma outra comparação sobre quais deles se encaixariam neste conceito, com a possibilidade de se criar grupos de professores das duas universidades que se assemelham e grupos das mesma universidade que se distinguem neste ponto, enriquecendo as possibilidades de análise do projeto.

6 – Fontes

Em relação a UFMG, a pesquisa está sendo feita nos arquivos do antigo DOPS, localizados no Arquivo Público Mineiro, nos arquivos da antiga AESI, localizado na Divisão de Coleções Especiais e Obras Raras no 4º andar da Biblioteca Central na UFMG e no Núcleo de História Oral da UFMG, onde se encontram inúmeras entrevistas com os professores que viveram a dinâmica da época.

No caso da UTE, as fontes se encontram em Santiago do Chile e também já começaram a ser pesquisadas em viagem feita neste ano. As fontes estão em um arquivo interno no campus da USACH, aberto ao público; na Vicaría de la Solidaridad, também localizado em Santiago, sendo que ainda é possível acessar parte de sua documentação pela internet no endereço <http://www.archivovicaria.cl/biblioteca.php>. Além disso, serão feitas entrevistas com antigos professores da UTE, que participaram dos acontecimentos desencadeados pelo Golpe de 1973.

Referências bibliográficas

AGGIO, Alberto. *Democracia e socialismo: a experiência chilena*. São Paulo: Editora UNESP, 1993.

ALCÁNTARA, Armando; SILVA, Mônica Aparecida da Rocha. *Semejanzas y diferencias en las políticas de educación superior en América Latina: cambios recientes en Argentina, Brasil, Chile y México*. Disponível em: http://www.riseu.unam.mx/documentos/acervo_documental/txtid0035.pdf. (Acesso em setembro de 2012)

BERSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, Jean-Pierre & SIRINELLI, Jean-François (orgs.). *Para uma história cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

BETHELL, Leslie. *Chile since independence*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

BRUNNER, José Joaquín. *América Latina entre la cultura autoritaria y la cultura democrática: legados y desafíos*. Programa FLACSO – Santiago de Chile (FLACSO - Material de Discusión (Chile); No.103) Octubre 1987, p.1. Disponível em: <http://cronopio.flacso.cl/fondo/pub/publicos/1982/DT/001083.pdf> (Acesso em setembro de 2012).

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *Historia Oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DÍAZ, Sebastián Donoso. A reforma neoliberal da educação superior no Chile em 1981. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v20n57/a04v2057.pdf>. (Acesso em setembro de 2012)

FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (orgs). *Revolução e democracia. (1964...)* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

FICO, Carlos; FERREIRA, Marieta de Moraes; ARAUJO, Maria Paula; QUADRAT, Samantha Viz (orgs.). *Ditadura e democracia na América Latina: balanço histórico e perspectivas*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

FREDRIGO, Fabiana de Souza. *Ditadura e resistência no Chile: da democracia desejada à transição possível (1973-1989)*. Franca: UNESP, 1998.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

KIRBERG, Enrique. *Los nuevos profesionales : educación universitaria de trabajadores, Chile : U.T.E., 1968-1973*. México: Universidad de Guadalajara, 1981.

MARTINS FILHO, João Roberto. *Movimento estudantil e ditadura militar: 1964-1968*. Campinas, SP: Papyrus, 1987

MENDES CATANI, Afrânio; CAMPBELL ESQUIVEL, Juan Carlos; SOUSA PORTO GILIOLI, Renato de. Reformas da educação superior no Chile, no Brasil e em Portugal: Uma abordagem comparativa. *Revista Diálogo Educacional [em línea]* 2007, vol. 7 [citado 2011-12-13].

Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=189116806003>. (Acesso em setembro de 2012).

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Os olhos do regime militar brasileiro nos campi. As assessorias de segurança e informações das universidades. Topoi*. v.9, n.16, jan-jun.2008.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá (org). *Culturas políticas na história: novos estudos*. Belo Horizonte: Argumentvm, 2009.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *O regime militar nas universidades: cultura política e modernização autoritária*. No prelo.

O'DONNELL, Guillermo. *Reflexões sobre os estados burocrático-autoritários*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1987.

PIMENTA, Aluísio. *Universidade. Universidade: a destruição de uma experiência democrática*. Petrópolis: Vozes, 1985.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, 1989, vol. 2, n. 3

PRADO, Maria Ligia Coelho. *Repensando a história comparada da América Latina*. *Revista de História*. São Paulo: Departamento de História-FFLCH-USP, n. 153, 2 semestre de 2005.

QUADRAT, Samantha. “Para Tata, com carinho”: a boa memória do pinochetismo. In: AZEVEDO, Cecília et al. *Cultura política, memória e historiografia*. Rio de Janeiro: FGV, 2009, p. 399-418.

RIDENTI, Marcelo. *Resistência e mistificação da resistência armada contra a ditadura: armadilhas para pesquisadores*. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (orgs.) *O golpe e a ditadura militar, 40 anos depois (1964-2004)*. Bauru: Edusc, 2004. & REIS, Daniel Aarão.

RODRIGUES, Helenice; KOHLER, Heliane (orgs.). *Travessias e cruzamentos culturais: a mobilidade em questão*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

ROLLEMBERG, Denise. *Exílio: entre raízes e radares*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

ROLLEMBERG, Denise. *O apoio de Cuba à luta armada no Brasil*. Rio de Janeiro, Mauad, 2001.

SADER, Eder. *Um rumor de botas. Ensaio sobre a militarização do Estado na América Latina*. São Paulo: Polis, 1982.

SADER, Emir. *Cuba no Brasil. Influências da revolução cubana na esquerda brasileira*. In: REIS FILHO, Daniel ET. All. *História do Marxismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

SAID, Edward. *Representações do intelectual. As conferências Reith de 1993*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SALES, Jean Rodrigues. *O impacto da revolução cubana sobre as organizações comunistas brasileiras (1959-1974)*. Tese de doutorado. Campinas/SP: IFCH/UNICAMP, 2005.



SIRINELLI, Jean-François. *Os intelectuais*. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

SUBRAHMANYAM, Sanjay. “Connected Histories: Notes Towards a Reconfiguration of Early Modern Eurasia”, LIEBERMAN, Victor (ed.). *Beyond Binary Histories. Re-imagining Eurasia to C. 1830*. Ann Arbor, The University of Michigan Press, 1997, p. 289-315.

STARLING, Heloísa Maria Murgel. *Os senhores das gerais: os novos inconfidentes e o golpe de 64*. Petrópolis: Vozes, 1986.

TAMAYO, Víctor Muñoz. *Generaciones: juventud universitárias e izquierdas políticas em Chile Y México*. Santiago: LOM Ediciones, 2011

THOMPSON, P. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992

VALENZUELA, Arturo. *El quiebre de la democracia en Chile*. Santiago de Chile: FLACSO, 1978.

VERDUGO, Patrícia. *A caravana da morte*. Rio de Janeiro: Revan, 2001.

YANKELEVICH, Pablo; JANSEN, Silvina (comp.) *Exilios: destinos y experiencias bajo la dictadura militar*. Buenos Aires: Libros del Zorzal, 2007.

Fontes

Arquivo Público Mineiro. Arquivo do DOPS. Pasta 0033. Rolo 004, imagens de 222 à 232.